

# TRÊS LIÇÕES DE IRACEMA

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

Seja-me permitido juntar ao bem fundamentado trabalho do Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Antônio Gomes de Araújo algumas considerações alusivas a *Iracema*.

Os maiores defeitos dêsse livro, quem os descobriu e apontou foi o próprio Alencar, quando, em carta ao Dr. Jaguaribe, datada de agosto de 1865, assim se exprimiu:

“Depois de concluído o livro e quando o reli apurado na estampa, conheci me tinham escapado senões que poderia corrigir, se não fôsse a pressa com que o fiz editar; noto algum excesso de comparações, certa semelhança entre algumas imagens, e talvez desalinho no estilo dos últimos capítulos que desmerecem dos primeiros.”

Pelo que se depreende da leitura da mesma carta, Alencar publicou *Iracema* à guisa de experiência:

“Se o público leitor gostar dessa forma literária que me parece ter algum atrativo e novidade, então se fará um esforço para levar a cabo o começado poema, embora o verso pareça na época atual ter perdido a sua influência e prestígio.”

Apesar dessa incerteza de êxito, alguma coisa de muito firme nasceu e demorou em Alencar: a consciência de haver escrito um poema. Poema enraizado na terra, crescendo e enseivando-se no encontro das “raças” vindas das selvas e do mar.

Expressão e nexos espiritual de cada povo, assim a língua, que não é somente um sistema de sinais escritos ou falados através dos quais os indivíduos se comunicam, mas, também, instrumental orgânico e vivo, que nas palavras e nas frases detém a sucessão dos tempos, a história dos homens, o dia-a-dia do acontecer e guarda, por igual, o poder da arte e da ciência. Vulgar ou erudita, exprime o povo que a fala, prestando-se a todos os gêneros e espécies de que se faz criador esse mesmo povo. A socialidade da língua não está simplesmente no unir os homens, mas, ainda, no fixá-los à paisagem nativa e ao tempo histórico. É a língua um complexo expressivo da terra, da gente e da época. Estiliza-se na individualidade de cada um, como no modo de ser tradutor da alma coletiva, regional ou nacional. Matéria-prima da literatura, conexando-se com esta, em termos de indissolubilidade, como seu instrumento de moldagem plástica e manifestação artística, utiliza-a o homem comum, trabalha-a o talento criador. Alencar pertenceu a esta última classe. Não lhe bastou a inspiração poderosa; esta o empolgou em felizes momentos de graça. Precisava ir mais longe: tomar da língua, transformá-la em linguagem pessoal, naquela individualização estilística de que só as cerebrações portentosas são capazes, individualização que funde na mesma síntese de beleza a terra, o tempo, o homem e a arte. Por isso mesmo, Alencar se perenizou. *Iracema*, para ficarmos só nesta obra-prima, é o poema cearense por excelência, até mesmo no arrôjo das imagens e na riqueza verbal, forma, talvez, de que se valeria o Autor, como resposta à agressividade da terra pobre, supra-realidade compensadora da adustez telúrica. Intérprete de seu povo e de sua gleba, compreendeu que a melhor maneira de ser fiel à arte era ser fiel a si mesmo, o que significava também ser fiel a tudo aquilo que definia e dimensionava a

sua hora histórica, a sua marca de homem situado em certo contexto social e fisiográfico, a sua vivência de vocacionado para as letras, a sua destinação poética, enfim. A Gramática não lhe foi entrave ao estilo, nem êste desrespeitoso daquela. Reconheceu Alencar os direitos fundamentais da Arte e do Artista, que de regra se superpõem aos cânones, algumas vêzes arbitrários e postiços, da Gramática. Por esta razão, fêz da língua matéria maleável, acomodável ao gênio criador, brasileira na forma, portuguesa na essência, universal na capacidade de exprimir e fixar belezas.

Tais virtudes encobrem os defeitos da obra, alguns dos quais realmente pequeninos e insignificantes.

Aos receios de Alencar não iria corresponder a amarga realização, mas a vitória consagradora. Cem anos depois, o Brasil e o mundo como que param para ouvir e aplaudir a grande voz de nosso romantismo indianista, a grande voz do Brasil cioso e consciente de si mesmo.

Pode falar-se numa atualidade alencarina, como equivalente de brasilidade autêntica. Essa atualidade transcende as linhas demarcatórias de nossa pátria, e toma sentido de universalismo.

Comemorando o centenário de Iracema, guardemos estas lições:

1.º — Moacir é o grande protesto brasileiro contra as barreiras que se levantam no mundo, separando povos que não sabem mais “brincar irmãos”.

2.º — A Arte não exclui raças nem países: todos lhe cabem nas divinas mãos criadoras.

3.º — Sirva a Língua à Literatura, sirva a Literatura à Língua e ambas sirvam ao homem que, para as merecer, há de respeitá-las e ser-lhes fiel, guardando-as nos seus limites, magnificando-as com o gênio inventivo e o sentimento, o amor devotado e o ideal da Perfeição.